

O mundo pode estar ensolarado hoje.

A grande bola amarela pode estar derramando-se nas nuvens, fluida e borrada, parecendo gema de ovo no céu mais azul, brilhante de esperanças frias e promessas falsas sobre lembranças doces, famílias de verdade, cafés da manhã de rei, pilhas de panquecas banhadas em xarope de bordo sobre um prato em um mundo que não existe mais.

Ou talvez não.

Talvez o dia esteja escuro e úmido, soprando um vento tão cortante que fere a pele dos nós dos dedos de homens adultos. Talvez esteja nevando, talvez esteja chovendo, não sei, talvez esteja gelado, tenha granizo, seja um furacão escorregando para um tornado e a Terra esteja tremendo e se abrindo para liberar espaço para os nossos erros.

Não tenho a menor ideia.

Não tenho mais janela. Não tenho uma vista. Faz um milhão de graus abaixo de zero em meu sangue e estou enterrada 15 metros abaixo da terra em uma sala de treinamento que virou meu segundo lar nos últimos tempos. Todos os dias, encaro essas quatro paredes e lembro a mim mesma que *não sou prisioneira, não sou prisioneira, não sou prisioneira*, mas, às vezes, os antigos medos percorrem minha pele e pareço não conseguir me libertar da claustrofobia que aperta minha garganta.

Fiz tantas promessas quando cheguei aqui.

Agora, não tenho tanta certeza. Agora, estou preocupada. Agora,

minha mente é uma traidora porque meus pensamentos arrastam-se para fora da cama toda manhã com olhos agitados e mãos suadas e risos nervosos que se acomodam em meu peito, crescem em meu peito, ameaçam explodir meu peito, e a pressão me aperta e me aperta e *me aperta*.

A vida por aqui não é o que eu esperava que fosse.

Meu novo mundo está gravado em bronze de canhão, selado com prata, afogado nos cheiros de pedra e aço. O ar é gelado, os tapetes são laranja; as luzes e os interruptores apitam e tremulam, eletrônicos e elétricos, brilhantes em neon. Está cheio aqui, cheio de corpos, cheio de salas lotadas de sussurros e gritos, pés batendo no chão e passos cuidadosos. Se eu prestar bastante atenção, posso ouvir os sons de cérebros trabalhando e testas sendo beliscadas e dedos tamborilando em queixos e lábios e sobranceiras franzidas. As ideias são carregadas nos bolsos, os pensamentos estão apoiados na ponta de todas as línguas; olhos se comprimem com a concentração, com o planejamento cuidadoso a respeito do qual eu devia querer saber.

Mas nada está funcionando e todos os meus pedaços estão quebrados.

Devo controlar minha Energia, disse Castle. Nossos dons são formas diferentes de Energia. A matéria nunca é criada ou destruída, ele me contou, e, como nosso mundo mudou, a Energia contida nele mudou também. Nossas habilidades são tiradas do universo, de outras matérias, de outras Energias. Não somos aberrações. Somos inevitabilidades das perversas manipulações de nossa Terra. Nossa Energia veio de algum lugar, ele disse. E algum lugar é no meio do caos ao nosso redor.

Faz sentido. Lembro-me de como o mundo estava quando eu o deixei.

Lembro-me dos céus irritados e da sequência de pores do sol desmoronando sob a Lua. Lembro-me da terra rachada e dos arbustos ásperos e do que costumava-ser-verde e está agora muito perto do marrom. Penso na água que não podemos beber e nos pássaros que não voam e em como a civilização foi reduzida a nada além de uma série de aglomerados espalhados pelo que sobrou de nossa terra devastada.

Este planeta é como um osso quebrado que não voltou ao lugar certo, cem pedaços de cristal colados. Fomos estilhaçados e reconstruídos, disseram-nos para nos esforçarmos todo dia e fingirmos que ainda funcionamos da maneira como deveríamos. Mas é mentira, é tudo mentira; cada pessoa lugar coisa e ideia é uma mentira.

Eu não funciono do jeito certo.

Não sou nada além da consequência de uma catástrofe.

Duas semanas desabaram na beira da estrada, abandonadas, já esquecidas. Há duas semanas estou aqui e, em duas semanas, instalei-me em uma cama de cascas de ovo, imaginando quando alguma coisa vai quebrar, quando eu serei a primeira a quebrá-la, imaginando quando tudo vai desmoronar. Com duas semanas, eu devia estar mais feliz, mais saudável, dormindo melhor e mais tranquila neste espaço seguro. Em vez disso, fico preocupada com o que vai acontecer quando se eu não conseguir acertar, se eu não descobrir como treinar da forma certa, se eu machucar alguém ~~de propósito~~ por acidente.

Estamos nos preparando para uma guerra sangrenta.

Por isso estou treinando. Todos nós estamos tentando nos preparar para derrotar Warner e seus homens. Para ganhar uma batalha por vez. Para mostrar aos cidadãos de nosso mundo que ainda há esperança, que eles não precisam concordar com as exigências do Restabelecimento e virar escravos de um regime que não quer nada além de explorá-los para ter poder. E eu concordei em lutar. Em ser uma guerreira. Em usar meus poderes em contradição com meu bom senso. Porém, a ideia de encostar a mão em alguém traz um mundo de lembranças, sentimentos, um arrepio de poder que experimento somente quando entro em contato com uma pele não imune à minha. Um arrepio de invencibilidade; um tipo atormentado de euforia; uma onda de intensidade que enche cada poro de meu corpo. Não sei o que isso fará comigo. Não sei se posso confiar em mim mesma para ter prazer com a dor de outra pessoa.

Tudo que sei é que as últimas palavras de Warner estão presas em meu peito e não consigo tossir e expelir o frio e a verdade que ferem o fundo de minha garganta.

Adam não faz ideia de que Warner pode tocar em mim.

Ninguém sabe.

Warner devia estar morto. Warner devia estar morto porque eu devia ter atirado nele, mas ninguém supunha que eu precisaria saber disparar uma arma e, agora, acho que ele veio me procurar.

Ele veio para lutar.

Por mim.